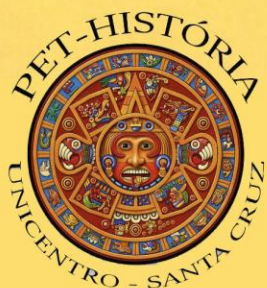


Caderno Experiências Discursivas

2014

Vol. 2



Arte por Pedro Renó, 2017 . Instagram @artepineal



PET



CADERNO EXPERIÊNCIAS DISCURSIVAS v.2, 2014

ISSN

Publicação do Programa de Educação Tutorial
PET-HISTÓRIA/UNICENTRO
Guarapuava, Paraná, Brasil



Caderno Experiências Discursivas, v.2, 2014

Pet-História-Unicentro,

Guarapuava, v.2, dez. 2014. p.1-26

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

Profa Dra. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz
Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava/PR

Profa. Dra. Jaqueline Zarbato
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMT, Três Lagoas/MS

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães
Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna/BA

Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto
Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC

Prof. Dr. Clayton Luiz da Silva
Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava/PR

Profa. Dra. Rosemeire dos Santos Brito
Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória/ES

Profa. Dra. Fabiane Popinigis
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ

Periodicidade

Anual

Autor corporativo

Programa de Educação Tutorial – PET/HISTÓRIA/Unicentro

Contato: lucianarfkg@gmail.com

Secretaria: PET-HISTÓRIA-Unicentro

<http://www2.unicentro.br/pet-historia>

Unicentro, campus Santa Cruz, Rua Salvatore Rena 875 | 85015430 – Guarapuava, Paraná, Bloco B, 3º piso.

Sumário

Apresentação do Caderno Experiências Discursivas

Traços do Caubói Americano: Guarapuava e a Estátua de Diogo Pinto de Azevedo Portugal, **6**

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos, Matheus Pacheco Perbiche e Osvaldo Carneiro de Matos Neto

Sobre a XII Semana de Estudos de Física e II Simpósio de Física, **12**
Dyener Santos

Sobre a Revolução dos Cravos, **14**
Eduardo Alves Gonçalves dos Santos

Pet-História Participa da Semana de Física, **16**
Lucas Mores

Aquecimento Global: Mitos, Verdades e Perspectivas, **17**
Lucas Mores

Conversas com Pesquisadores(as), **18**
Aline Teodoro dos Santos

Troca de Experiências com Mestrandos do PPGH-Unicentro, **20**
Dyener Santos

Sobre o Jogo de Cena, **22**
Maria Cristina Kirach

Sobre Apresentar Trabalhos de Conclusão de Curso, **24**
Ana Paula Santos Andrade

Um Breve Comentário Sobre a II Jornada do PET-História, **25**
Alana Martins de Souza

Experiências Discursivas sobre uma Jornada, **26**
Jéssica Caroline Zanella

Normas para publicação

Apresentação

Caderno Experiências Discursivas é uma publicação do Programa de Educação Tutorial em História (PET-HISTÓRIA), da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

A publicação está destinada a veicular textos que tratem de temas, discussões, escritas criativas e experiências vivenciadas por petianas e petianos e por estudantes de graduação de diferentes áreas.

É um espaço pensado para que estudantes possam escrever de maneira, ao mesmo tempo, livre e reflexiva, registrando suas experiências cotidianas tanto em relação ao mundo cultural fora da academia e ao mundo da universidade.

Caderno Experiências Discursivas busca transformar as experiências (de assistir um filme, de viajar, de participar de uma atividade cultural, de fotografar ou visitar um museu ou galeria, entre outras inúmeras vivências) em discurso. É para abarcar a escrita que vem de dentro e de fora da academia, absorvendo diretamente as experiências da *flânerie*.

Os primeiros quatro números agregam experiências de petianos e petianas do grupo PET-HISTÓRIA-Unicentro que estavam anteriormente publicadas no blog do grupo.

A partir do quinto número, a ideia é ampliar as ações na forma de uma revista discente aberta para todas as áreas com seções oportunamente desenhadas na medida em que haja demanda.

Artigo:

Traços do Caubói Americano: Guarapuava e a Estátua de Diogo Pinto de Azevedo Portugal

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos,* Matheus Pacheco Perbiche** e
Osvaldo Carneiro de Matos Neto***

Eric Hobsbawm inicia sua reflexão apresentando sua problemática: Porque populações de homens montados tangendo rebanhos em geral (...) se tornam assuntos de mitos poderosos e tipicamente heroicos? E porque, entre tantos mitos desse tipo, aquele gerado por um grupo social e economicamente marginalizado de proletários desraizados, que surgiu e desapareceu no decurso de duas décadas nos Estados Unidos do século XIX, teve uma sorte global tão extraordinária, e a rigor tão única? (Hobsbawm, 2013, p.310).

E logo após, mais um questionamento: “Mas porque o mito? Que papel tem nele o cavalo, claramente um animal dotado de poderosa carga emocional e simbólica?” (Hobsbawm, 2013, p. 311).

Sendo assim, o meu objetivo diz respeito à tentativa de apresentar as respostas das questões acima apresentadas. Seguindo a leitura do texto, Hobsbawm responde a última das três perguntas, dizendo que “o mito tende a representar o guerreiro em atividade, o agressor, o bárbaro, o estuprador, e não o estuprado.” (Hobsbawm, 2013, p. 312). Então, a produção cultural (literária, cinematográfica e teatral) cria uma figura irreal do Faroeste, onde se tornou o grande símbolo nacional de identificação norte-americana. O governo de J. W. Bush baseou-se fortemente neste mito, visto isso pelos chapéus inspirados em TexWiller, por exemplo.

O cavalo apresenta-nos a força, o poder. Mas não o poder do animal – até porque o animal, sozinho, não faz mal algum a ninguém –, e sim o poder do homem que monta o animal. O cavalo dá medo. Medo porque é imperador, é grande e com postura elegante. Medo porque foi construída a imagem do cavalo como um animal dos mais nobres a ser montado. Fazendo em paralelo entre a

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando em História na mesma instituição.

** Bolsista de Iniciação Científica/Fundação Araucária. Graduando em História na Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), em Guarapuava/PR.

*** Voluntário do Pet-História-Unicentro. Graduando em História na mesma instituição.



imagem do cavalo como símbolo de poder, e o caubói, entendemos que o mito é essencialmente macho. A mulher, apesar de mostrar bravura e uma bela imagem sobre o cavalo, em rodeios e em filmes de faroeste, logo desapareceu. O que nos permite ressaltar que a doçura feminina nunca fora objeto do qual o caubói americano se aproveitou para fazer sua própria imagem.



Imagem do filme Rio Bravo.

A figura do caubói também se aproxima da ideologia liberalista, extremamente presente na sociedade do século XIX. Esta ideologia prega que o homem é livre pelo seu trabalho. O liberalismo também impõe o individualismo. Este é um ponto que se associa com o caubói. O cavaleiro do Faroeste é, por natureza, individualista, vive sozinho, mata sozinho, reprime sozinho. O liberalismo também sustenta o sonho, o papel do caubói é deixar este sonho em plena esperança.

“A voga puramente local do mito do Western foi ampliada e internacionalizada por meio da influência global da cultura popular americana, a mais original e criativa do mundo industrial e urbano, e dos veículos de comunicação de massa que a difundiam e eram dominados pelos Estados Unidos” (Hobsbawm, 2013, p. 327).

Hobsbawm nos mostra que essa imagem de um homem bárbaro, inteligente, sindicalista e independente foi transplantada como características do país, isso foi possível dos esforços de alguns presidentes. E a transmissão externa desse orgulho nacional ficou a cargo da importância mundial que os Estados Unidos possuíam no século XIX. Como dito anteriormente, a produção cultural no mundo globalizado expandiu o caubói americano. Sendo assim, alguns países internalizaram esta imagem como sendo de origem da sua cultura. Alguns exemplos que Hobsbawm cita no texto são: a Colômbia, o Chile, a Argentina e o Uruguai. Estes dois últimos, por sinal, utilizaram da imagem do seu caubói para conseguir suas respectivas independências. No entanto, sem a expressividade norte-americana.



Cena do filme O Cavaleiro Solitário.

Deteremo-nos na discussão da figura do gaúcho, onde é próximo da nossa realidade. O homem, masculino, do sul da América do Sul, mais especificamente da Argentina, Uruguai e do Estado do Rio Grande do Sul. Aproximando-se ainda mais da nossa realidade, questiono a questão do gaúcho-guarapuavano, tratando da intenção figurativa dos Centros de Tradições Gaúchas.

Esta figura diretamente relacionada com o tropeirismo, identificada como o homem-andante, viajante do Caminho do Viamão. Homem rústico, bruto,

tradicional e tradicionalista. Este objeto de orgulho dos habitantes rio-grandenses ocupou, também, a cidade de Guarapuava, por meio da conservação das tradições gaúchas.

O problema é que esta figura foi “importada” do Rio Grande do Sul, pois não houve quantidade significativa de gaúchos na formação e desenvolvimento da cidade. Guarapuava foi formada por portugueses, enviados para a organização da cidade, e por imigrantes da Europa Central, como por exemplo, ucranianos, alemães, poloneses e italianos. Além da figura essencial e nativa do índio, pouco citado pelos que se dizem “gaúchos”.



José Artigas, caudilho libertador do Uruguai.

Outro caso da influência do caubói americano em Guarapuava é a estátua do cavalo, situado na entrada da cidade de Guarapuava. O problema é que o idealizador da estátua não percebeu que o homem que monta ao cavalo está submisso ao último, devido à desproporção do tamanho das duas retratações. Não é o cavalo que se impõe à nova terra colonizada, mas o homem! Não é o cavalo que pensa, mas o homem! Não é o cavalo que explora e humilha, mas o homem! Porém o homem se torna fraco sem o cavalo.

Podemos entender essa estátua como símbolo de poder, afinal de contas, o cavalo carrega consigo a ideia de superioridade. O confronto primeiro da dominação de Guarapuava por parte dos exploradores portugueses se deu entre o colonizador – sobre o seu cavalo – e o índio – a pé. Neste confronto estiveram bem estabelecidas as características deste cavaleiro, que se tinha por superior,

dotado da civilidade e independente de qualquer opinião indígena. E assim como o caubói com o seu mito, aqui imperou a barbárie.

Vidas de muitos índios foram ceifadas, tudo para demonstrar o poder da civilidade. Portanto, a estátua do cavalo e do cavaleiro podem representar que os governantes guarapuavanos preferem a imagem do repressor, daquele que devastou várias culturas e que roubou a terra de seus donos. Percebe-se que não há esforço em resgatar a memória daquele índio que lutou até o fim para se manter no espaço que de fato era seu.

E talvez essa postura por parte dos governantes queira dizer algo a seus habitantes: “nós preferimos a repressão, nós dizimamos as minorias e nós somos independentes, não precisamos e não ouviremos de forma alguma, aqui de cima do cavalo, a voz de nenhum de vocês, que estão a pé aí embaixo, bem abaixo de nossos pés.”



Estátua de Diogo Pinto Portugal em Guarapuava/PR.

O próximo tema de discussão é acerca da utopia do mito do caubói. E dizemos isso citando Hobsbawm: “O mito original do Oeste, como o da própria América, era, portanto, utópico.” (2013, p. 317). Ele ainda diz que os heróis do Oeste eram índios, e caçadores que viviam com os índios e como os índios. Prova-se tal afirmação pela citação de Hobsbawm sobre as mortes do período que geralmente contam-se as histórias do Faroeste:

E a inventada tradição do Oeste é inteiramente simbólica, na medida em que generaliza a experiência de um comparativo punhado de pessoas marginais. Quem, no fim das contas, se importa com o fato de que o número total de mortes por arma de fogo em todas as grandes cidades que se fazia comércio de gado entre 1870 e 1885 (...) em 45, ou uma média de 1,5 por temporada de venda de gado, ou que os jornais do Oeste não estavam impregnados de histórias de brigas de bar, mas de notícias sobre o valor das propriedades e oportunidades comerciais? (2013, p. 321).

Neste momento Hobsbawm desconstrói o imaginário e a memória americana, onde os eles orgulhavam-se de serem caubóis rústicos e brutos.

Sendo assim, debatemos com Michel Foucault, em seu texto “Em Defesa da Sociedade”, no qual ele expõe sua teoria, a respeito do conceito de Biopoder, e da domesticação dos corpos, para o capitalismo. Foucault discute a sociedade disciplinar, situando-a entre o século X, com alguns resquícios até hoje. O seu auge foi, justamente, nos séculos XIX e XX, os mesmos do surgimento do mito, além da situação temporal do idealizado faroeste. Portanto, o diálogo entre os dois autores – Hobsbawm e Foucault – dá-se dentro da disciplinarização dos corpos, para a produção do trabalho sobre a exploração do capital, que, por sua vez, explora o trabalho. Expressões disso são os exemplos citados anteriormente. Todos eles se encaixam na teoria foucaultiana, dialogando com a ideologia defendida com Hobsbawm.

Referências

Cstro, E. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Foucault, M. *Em defesa da sociedade*: no curso do Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *História da Sexualidade*: a vontade de saber. V. 1 – 16º ed. – Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Hobsbawm, E. *Tempos fraturados*: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Koselleck, R. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

Sobre a XII Semana de Estudos de Física e II Simpósio de Física

Dyener Santos*

No dia 11 de abril de 2014 acontecia a XII Semana de Estudos de Física e II Simpósio de Física, no campus CEDETEG, da Unicentro.

Particpei no evento como como ouvinte do Minicurso *Considerações Filosóficas sobre a Matematização das Ciências da Natureza*, onde o Professor Dr. Raphael de Paola, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) trabalhou durante quatro horas abordando temas que envolvem a Física, a Metafísica, a compreensão da física segundo uma visão filosófica, a Filosofia e a junção das duas áreas, Filosofia e Física.



Prof. Dr. Raphael, palestrante do minicurso.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

O que parece instigar o professor Raphael em sua busca por explicações mais plausíveis em torno da Física, é a ausência de respostas sobre a vida, pois mesmo depois de doutor, o Professor estudou Filosofia como uma forma não só de aprender e conhecer a ciência mas também de encontrar respostas como ele mesmo ressalta durante a apresentação.

Algumas questões levantadas pelo professor foram: Eu existo ou não? Qual é a origem do universo? Será a Filosofia que dará estas respostas? Se todos os seres são compostos por átomos, nós somos átomos?

Os temas trabalhados foram a importância do mundo físico, segundo os filósofos gregos; a transição do poético, retórico, para o dialético, para conseguir chegar à lógica científica; o uso da matemática para explicações exatas a respeito dos acontecimentos da natureza e, principalmente, o estudo da Filosofia.



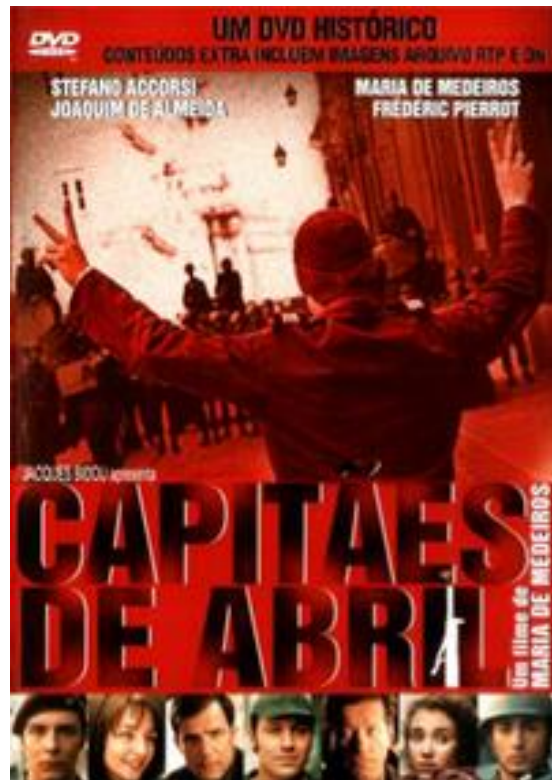
Professor Raphael respondendo à duvidas.

Percebi que a apresentação foi além das minhas expectativas, pois esperava uma palestra que se basearia totalmente no estudo das ciências exatas e assuntos apenas associados à Física, mas o professor deixa claro e por vezes enfatiza a Filosofia como campo primordial para a compreensão e explicações que até então ele não tinha encontrado na Física, e que a mesma se delimitava e não podia dar determinadas respostas.

Sobre a Revolução dos Cravos

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos*

O filme apresentado para a proposta deste cine debate foi “Capitães de Abril”. Este aborda uma revolução ou revolta de cunho militar que ocorreu em Portugal.



Capa.

A revolução que derrubou a ditadura de Salazar em Portugal, em 1974 ficou conhecida como Revolução dos Cravos diante de sua dimensão pacífica e poética.

Seu principal símbolo foram os cravos no cano dos fuzis, imagem esta muito conhecida, mas pouco assimilada àquele movimento em específico, que, para muitos brasileiros, é quase uma interrogação.

É interessante nos atentarmos a esse movimento que nasceu das reivindicações que partiram da base do exército português no auge do esforço e do cansaço das

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

guerras coloniais. Seus líderes estavam insatisfeitos com o desenrolar da guerra na África, entendendo o conflito como algo sem sentido.

Algo que realmente chama a atenção quando pensamos em Revolução dos Cravos, é o fato de ter sido realizada por militares, indivíduos que, conceitualmente, representam a força e a violência do estado e que, leais aos governos, teoricamente não podem insubordinar-se ou resistir às suas decisões.

No retrato que o filme realiza sobre essa Revolução, tão pouco conhecida por nós, podemos observar um pouco do lado consciente e reivindicador que mesmo aqueles que servem na caserna podem ter.

Esta manifestação não significou apenas uma luta por um regime democrático em Portugal, mas também podemos compreendê-la enquanto a busca por um bem comum.

Pet-História participa da Semana de Física

Lucas Mores*

Na manhã da última sexta-feira (11), bolsistas do PET-História participaram do minicurso Considerações Filosóficas sobre a Matematização das Ciências da Natureza, ministrado pelo Dr. Raphael de Paola, professor da PUC-Rio.

O minicurso foi parte da programação da XII Semana de Física e II Simpósio de Física da UNICENTRO, realizado no campus CEDETEG. Participaram do minicurso os bolsistas Alana, Aline, Ana Paula, Dyener, Lucas e Maria Cristina.

O principal mote da discussão do minicurso foi como as ciências modernas separaram aspectos que no mundo antigo e medieval como a forma e a substância. Para tal explicação, o professor recorreu a história da Filosofia para perceber como ocorreu na modernidade a separação destes campos, tornando hegemônico o estudo somente das substâncias, que aplicando no pensamento da física clássica teríamos os estudos do átomo e matéria. Entretanto, como seu campo de estudo é a física quântica, ele percebeu que estas teorias filosóficas não se encaixariam no mundo dos quarks. Então, sua reflexão foi encaminhada com o objetivo de para se compreender a física quântica é necessária fazer novamente a intersecção entre a forma e substância no sentido aristotélico.

O minicurso foi construtivo para @s bolsistas no sentido de perceber a historicidade da construção do pensamento científico moderno e assim refletir sobre a sua própria prática no campo historiográfico. Como também perceber que a interdisciplinariedade pode ocorrer com outros campos científicos não pertencentes as humanidades, percebendo a existência de outros caminhos para se refletir sobre a ciência histórica.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Aquecimento Global: Mitos, Verdades e Perspectivas

Lucas Mores*

A desconstrução do mito científico do aquecimento global é a principal tarefa que o meteorologista e físico Luiz Carlos Molion vem fazendo a partir de suas pesquisas no campo da meteorologia.

Tive a oportunidade de ouvir sua argumentação durante o *VI Simpósio de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica da UNICENTRO* no dia 29 de Maio de 2014 no auditório do campus CEDETEG.

Para Molion, vivemos em uma era de transição entre dois períodos glaciais, sendo que nesses períodos, a partir de uma pesquisa que se leva em consideração perspectivas maiores de tempo, existem picos de aquecimento.

O professor utiliza, inclusive, dessa lógica para fazer uma análise histórica das sociedades humanas. Para ele, períodos com revoltas populares e conturbados socialmente são períodos de resfriamento global, como foi a época da Revolução Francesa e da Primeira Guerra Mundial.

Por outro lado, temos os períodos de aquecimento global como é a década de 1970 e o início da Belle Époque. Quando falamos dessas variações de temperatura, elas não passam de 2°C de diferença. Nesse sentido, podemos relacionar questões sobre história dos diferentes grupos humanos e as condições climáticas nas quais estão inseridos.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Conversas com Pesquisadores(as)

Aline Teodoro dos Santos*

Em participação no projeto de extensão “Conversas com Pesquisadores(as)” organizado pelo Laboratório de História Ambiental e Gênero- LHAG, em 20 de maio de 2014, estivemos reunidos com o Prof. Dr. Ancelmo Schörner (PPGH-UNICENTRO) o qual palestrou com a temática “Comunas e Sobas na Região de Libolo, Angola”. O professor nos mostrou uma sociedade totalmente diferente da nossa em termos de organização social.

No mês de junho de 2013, por meio do patrocínio da Global Seguros, o Prof. Dr. Ancelmo Schörner, juntamente com uma equipe de professores liderada pelo Dr. Carlos Guimarães Figueiredo (Universidade Federal do Amazonas), Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo), partiram em uma viagem ao Libono, Angola, com o objeto de estudar as comunas e os Sobas nesta região.

Ele pode observar diversos temas ligados à história, remetendo-nos não apenas à uma história do contato com a Europa, mas uma história global da permanência de tradições e culturas muito antigas.

Na viagem, eles entram em contato com quatro comunas semi isoladas, constituídas de 155 aldeias e 349 sobas.

O que mais me chamou atenção, foram as curiosidades que o mesmo nos demonstrou, como por exemplo:bo café, onde o temos como uma coisa tão comum e para eles é um artigo de luxo e conseqüentemente muito caro; em relação a minha área de pesquisa (gênero) podemos observar, por exemplo, o casamento. Ele é realizado por meio de contratos, nos quais a família da noiva faz uma listagem com produtos e objetos diversos que desejam para o noivo tais como vinhos e outros.

No entanto a curiosidade que mais me chamou atenção é o denominado “cabrear” que funciona assim: após a morte de seu marido faz um compromisso com a família de seu finado que ela ficará um determinado tempo sem manter relações sexuais e logo após esse determinado tempo eles soltam uma cabra dentro do cemitério onde seu marido foi enterrado.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

O animal tem que ir ao túmulo do marido. Se a cabra for até o túmulo de seu falecido marido, ela poderá se casar novamente. Se não for, a “moça” será vista com maus olhos pela sociedade. Sua reputação está nas mãos, quer dizer, nas patas, de uma cabra.



Troca de Experiências com Mestrandos do PPGH-Unicentro

Dyener Santos*

Durante a semana da II Jornada do PET-História, ocorreram vários eventos. Dentre eles, tive a oportunidade de participar da *Troca de Experiências com mestrandos e mestrandas*, que aconteceu no dia 2 de Julho às 14h, na Sala de Eventos.

As conversas e discussões contaram com a presença dos alunos do curso de História do 1º, 2º, 3º e 4º anos e com os ex alunos do curso da mesma instituição, agora mestrand@s de outras universidades e do PPGH-Unicentro.

Os mestrandos do PPGH-Unicentro deram início à atividade, comentando e nos explicava como funcionava o mestrado, quais são as suas pesquisas, o trabalho com os dados, e o que defendiam em suas dissertações.

Depois de cada mestrand@ relatar sua pesquisa, houve um momento em que nos contaram seus problemas e dificuldades ao se depararem com outro nível de ensino, a transição da graduação para o mestrado, o modo como se adaptaram à pós-graduação, as diferenças e o estranhamento, e a nova forma de trabalhar com pesquisa.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.



Graduandos e mestrandos.

Percebi, durante as conversas, o quão importante são os eventos e as trocas de experiências que ocorreram entre graduandos e pós graduandos, o que eles nos proporcionam como as discussões, o aprender, e conhecer o que o outro viveu e vive.

Se seguirmos almejando o mestrado, creio que também viveremos situações parecidas.

A mensagem que o Wallas, um dos mestrandos, nos deixou, é que por mais que encaremos diversos problemas e dificuldades, devemos persistir com vontade e foco em nossos objetivos.

Sobre o Jogo de Cena

Maria Cristina Kirach*

Durante a II Jornada do PET/História, aconteceram varias atividades, como o o cinedebate com a temática Cinema e História, conduzida pelo historiador Msc. Alexandre Kosteczka.

Assistimos ao documentário *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho, que trata das representações e da relação entre personagem e objeto.

A história oral, um método usado por Coutinho foi bastante discutida. Coutinho trabalha com testemunhos de mulheres acima de 18 anos que aceitaram o convite para atuar no teatro, dando os seus depoimentos sobre os motivos e trajetórias de vida.

Muitos dos fatos narrados eram trágicos, envolvendo a dor de uma perda de um familiar, a relação pai-filho, a busca pelos sonhos e a ilusão da realidade.



Alexandre Kosteczka.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduada do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Nas discussões, Alexandre Kosteczka propõe a reflexão sobre se o filme apresentado tem caráter de ficção ou de documentário, pelo fato das atrizes interpretarem as personagens, a emoção que elas sentiram ao encenar, tentar imaginar qual seria a reação dos espectadores ao assistir aquelas imagens, o diálogo do entrevistador e do entrevistado.

Alexandre propõe o questionamento da verdade que Coutinho trabalha na relação com a ética, o processo de intervir nas falas.

Foi uma experiência muito boa, contribui para uma visão de como é a representação e o trabalho com os testemunhos.

Sobre Apresentar Trabalhos de Conclusão de Curso

Ana Paula Santos Andrade*

Na noite do dia 1 de julho de 2014 aconteceu uma rodada de apresentação de Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação em História durante a II Jornada do PET-História.

Foi um momento de expor as nossas problemáticas e a finalização dos nossos trabalhos, como também receber críticas e melhores reflexões em nossas pesquisas.

Realizar esse tipo de trabalho científico é buscar incessantemente o conhecimento e respostas a problemática da pesquisa, resultando ao pesquisador um aprofundamento teórico metodológico e um início de aprendizado nos caminhos das pesquisa acadêmicas.

Expor uma pesquisa que é exclusiva é o mesmo que gerar e apresentar seu filho ao mundo. Explicitar como foi gerado, criado e como está sendo desenvolvido. A primeiro momento, expor esse filho (TCC) gera um certo nervosismo e uma ansiedade, porque ninguém saberá quais críticas recebera.

Durante a minha apresentação sobre *A construção da adolescência e as relações de gênero na revista Turma da Mônica Jovem*, embora muitos me disseram que estava aparentando tranquilidade, por dentro estava muito nervosa.

Mas o que eu programei pra dizer foi dito, embora em um tempo muito curto (15 minutos) e o meu maior medo foi o momento das perguntas e nas considerações da banca examinadora. Tudo ocorreu bem. Uma pergunta feita por um dos professores está me fazendo repensar o trabalho.

Realizar esse trabalho foi perceber que estamos produzindo conhecimento de forma autônoma e que espero não ser apenas um trabalho para receber um diploma. Um momento em que todos os tipos de sentimentos foi sentidos na elaboração desse TCC, servira de amostra de um amadurecimento acadêmico que fora exercido em sua prática.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Um Breve Comentário Sobre a II Jornada do PET-História

Alana Martins de Souza*

Realizada entre os dias 30/06 e 04/07 de 2014, a segunda Jornada do PET, assim como o evento que foi realizado no ano passado, contou com uma diversidade de atividades envolvendo apresentação de TCCs, troca de experiências com mestrandos, cine debate e palestras sobre as mais variadas temáticas.

Esse contato com as diversas temáticas abordadas nas palestras ao longo do evento, tais como infância, gênero, História da África, entre outros, foi uma das experiências mais importantes proporcionadas pela jornada, visto que o PET conta com a presença de acadêmicos que pesquisam temas diferentes, e portanto, o evento não precisa seguir essencialmente uma linha de pesquisa apenas.

Agradecemos aos professores que prontamente atenderam ao nosso convite e aos demais participantes, esperamos que o evento tenha proporcionado a vocês (assim como proporcionou para nós) novas reflexões e novas experiências, auxiliando nos estudos e na preparação de futuros pesquisadores e professores de História.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduada do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Experiências Discursivas sobre uma Jornada

Jéssica Caroline Zanella*

A II Jornada do PET/História ocorreu durante os dias 30 de junho a 4 de julho. Durante a semana diversas foram as atividades propostas para a comunidade acadêmica. Dentre todas essas atividades, a que mais chamou atenção foi o cine-debate, que ocorreu no último de evento. O cine-debate foi coordenado pelo mestre em História, Alexandre Kosteczka. O filme escolhido foi o documentário “Jogo de Cena” de Eduardo Coutinho, a produção de 2007 e apresenta a história de vida mulheres comuns, que através de um anúncio de jornal foram selecionadas. Elas gravam seus relatos e meses depois atrizes interpretaram, a seu modo, as histórias contadas por estas mulheres.

O mais surpreendente no documentário e o fato de Eduardo Coutinho, “brincar” com esse tipo de formato, pois o documentário teoricamente relata a verdade, e as interpretações ficam a cargo de filmes ficcionais. Mas o colocar atrizes para interpretar as histórias dessas mulheres, não tira o sentimento e nem a verdade do que é dito.

As histórias emocionam pela singularidade, mas, ao mesmo tempo, temos a impressão que já vivemos algo parecido. Os eventos cotidianos que o diretor seleciona para o documentário são de mulheres reais, que lutam, que choram e que vivem. “Jogo de Cena” é um filme que todos devem assistir não só pelas emocionantes histórias de mulheres, mas por todo o conjunto da obra, em que todas as discussões são possíveis. E foi com esse filme que encerramos a II Jornada do PET/História, o fechamento do evento não poderia ter acontecido de melhor modo.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Caderno Experiências Discursivas

Normas de Publicação

Propostas de publicação devem ser encaminhadas para o e-mail lucianarfk@gmail.com indicando, no assunto, “Experiências Discursivas”.

Publicamos experiências discursivas na forma de artigos, relatos de viagem, resenhas de filmes, de livros, de exposições artísticas, de literatura, de atividades de fora da academia ou acadêmicas, desde que sempre tenham imagem e texto.

Todos os originais precisam ser encaminhados em arquivo word, contendo título, autoria e filiação acadêmica.

Artigos criativos também são bem vindos e devem estar formatados de acordo com a ABNT, no sistema autor-data.

Os textos são reunidos pelo corpo editorial da revista e selecionados de acordo com a qualidade e potencial criativo.